

## **O RECORDAR COMO SENTIDO DE EXISTIR: O FUTURO MUSEU DO ASSENTADO E AS MARCAS DA REFORMA AGRÁRIA NO MUNICÍPIO DE ROSANA/SP**

### **REMEMBER HOW THE MEANING OF EXISTENCE: THE FUTURE ASSENTADO MUSEUM AND FEATURES OF THE AGRARIAN REFORM IN THE MUNICIPALITY OF ROSANA / SP**

### **RECUERDA CÓMO EL SENTIDO DE LA EXISTENCIA: EL FUTURO MUSEO ASSENTADO Y CARACTERÍSTICAS DE LA REFORMA AGRARIA EN EL MUNICIPIO DE ROSANA / SP**

Leonardo Giovane Moreira Gonçalves

Graduando em Turismo na Universidade Estadual Paulista/UNESP, Campus de Rosana. Técnico em Hospedagem pela Escola Técnica Estadual/ETEC, membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Turismo no Espaço Rural-GEPTER. E-mail: leonardo.giovane@hotmail.com

Rosangela Custodio Cortez Thomaz

Pós-doutora em Turismo pela Universidade de Santiago de Compostela/USC-Espanha, Mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo/USP; Licenciada e Bacharel em Geografia pela UNESP; Professora Assistente Doutora do Curso de Turismo UNESP, Coordenadora do GEPTER. E-mail: rocortez@rosana.unesp.br

#### **RESUMO**

A recordação do passado nem sempre traz consigo recordações felizes, mas também pode trazer lembranças de momentos de dificuldades e de padecimento. A história pela luta da posse da terra no Brasil divide-se em momentos de glória e angústia. Mas os fatos vivenciados por estes militantes e não-militantes foram triviais para constituição de sua identidade cultural. Embasado nisto o presente trabalho abordou os saberes e fazeres intrínsecos a trajetória de vida e origem de três assentadas pertencentes ao assentamento de reforma agrária Nova Pontal, situado em Rosana/SP. Para isso fez-se uso de três entrevistas com a metodologia da história oral com assentadas e, para aprofundar as discussões buscou-se uma pesquisa bibliográfica exploratória em monografias, teses, livros e revistas que versam sobre a temática. Á vista disto tornou-se possível visualizar o histórico de vida das assentadas como elementos patrimoniais para a constituição de um futuro Museu do Assentado.

**Palavras-chaves:** Museu do Assentado; reforma agrária; relatos orais; memória; Rosana.

#### **ABSTRACT**

The memory of the past does not always with happy memories, but can also bring memories of times of difficulty and suffering. The history of the land tenure struggle in Brazil is divided into moments of glory and anguish. But the facts experienced by these activists and non-activists were trivial for the constitution of their cultural identity. Based upon this work it addressed the knowledge and practices inherent to life trajectory and origin of three settlers belonging to the

settlement of land reform Nova Pontal, located in Rosana/SP. For it was made use of three interviews using the oral history methodology with settlers, and to deepen the discussions sought an exploratory bibliographical research papers, theses, books and magazines that deal with the subject. Á view it became possible to view the history of life settled as equity elements for the establishment of a future Museum Assentado.

**Keywords:** Assentado Museum; land reform; oral reports; memory; Rosana.

## RESUMEN

La memoria del pasado no siempre con buenos recuerdos, pero también puede traer recuerdos de los momentos de dificultad y sufrimiento. La historia de la lucha de la tenencia de la tierra en Brasil se divide en momentos de gloria y angustia. Pero los hechos experimentados por estos activistas y no activistas eran triviales para la constitución de su identidad cultural. Sobre la base de este trabajo se dirigió a los conocimientos y prácticas inherentes a la trayectoria de vida y origen de tres colonos pertenecientes a la solución de la reforma agraria Nova Pontal, situada en Rosana/SP. Para ello se hace uso de tres entrevistas usando la metodología de historia oral con los colonos, y profundizar las discusiones exploratorias buscado una bibliográficas trabajos de investigación, tesis, libros y revistas que tratan el tema. Una vista se hizo posible ver la historia de la vida sedentaria como elementos de equidad para el establecimiento de un futuro Museo Assentado.

**Palabras clave:** Assentado Museo; reforma agraria; informes orales; memoria; Rosana.

## 1. INTRODUÇÃO

Localizado no extremo Sudoeste do Estado de São Paulo, o Pontal do Paranapanema é pertencente à região Alta Sorocabana do extremo oeste do Estado de São Paulo; delimitada pelos rios Paranapanema; fronteira com o Estado do Paraná; e Paraná; fronteira com o Estado do Mato Grosso do Sul. A atividade econômica predominante na região é a agropecuária, dado que a estrutura fundiária da mesma está baseada em latifúndios locados em terras pertencentes ao Estado, que foram griladas em anos passados (THOMAZ, 2013, p.5).

A apropriação do Pontal foi marcada por inúmeros fatores desumanos e ilegais, como o extermínio dos indígenas, grilagem de terras, desmatamento, comercialização e ocupação de terras por pioneiros do oeste paulista- Um dos grandes grilos que aconteceram foi o da fazenda Pirapó-Santo Anastácio, tento preceitos empresariais, culminando na origem de inúmeras outras fazendas (SOBREIRO, 2013, p. 52).

Monbeig (1984) salienta que a marcha capitalista para o Oeste Paulista aconteceu em três etapas. A primeira tem origem de 1900 a 1905, embalada pela conjunta produção de café e a construção das estradas de ferro no estado de São Paulo (SOBREIRO, 2013, p. 53).

A segunda etapa durou até meados de 1929, que foi palco da crise econômica, sobretudo a crise do café no contexto mundial. Dessa forma a vinda de imigrantes, as migrações internas e o avanço das estradas de ferro se tornaram mais presentes nas zonas pioneiras.

A marcha para o Oeste Paulista foi impulsionada pelo modelo capitalista de produção. Dessa forma, como existiam inúmeras terras a Oeste do estado, várias ações pioneiras se formalizaram para explorar a nova área e incorporar esses espaços ainda não utilizados para o plantio (SOBREIRO, 2013, p. 54).

Sobreiro (2013, p. 93) ainda expõe que por conta dos inúmeros ‘grilos’ que ocorreram, em 21 de fevereiro de 1891, o Ministério da Agricultura foi favorável a alocação de colonos estrangeiros nas terras da Fazenda Pirapó-Santo Anastácio (que era uma terra grilada

posteriormente). Com isso intensificou a vinda de migrantes para a região, pois muitos consideraram que essa era uma terra devoluta. Dessa forma aconteceu um processo de grilagem dentro de uma terra já grilada.

Contudo, o surgimento das cidades se intensificou por volta de 1951, com a Estrada de Ferro Sorocabana que decide criar um ramal saindo de Presidente Prudente/SP até as barrancas do Rio Paraná (LEITE, 1998, p.95).

Segundo Leite (1998, p. 97) no ponto final dos trilhos a firma Camargo Correia, decide fazer uma cidade. O município se chamaria Rosana, nome de uma das filhas de Sebastião Camargo, a cidade seria cercada por lotes rurais, chácaras, sítios e fazendas. Contudo, a estrada não foi finalizada até a atualidade.

É visto que os conflitos pela posse de terra sempre foram marcantes no Pontal do Paranapanema e só tiveram uma diminuição com a construção das usinas hidrelétricas de Porto Primavera/SP, no rio Paraná, e, em Rosana/SP e Taquaruçu, no rio Paranapanema e a instalação da Destilaria de Álcool Acídia no município de Teodoro Sampaio/SP. (PAIÃO, 2001, p.40)

Segundo Paião (2001, p.39) após o termino das usinas hidrelétricas de Porto Primavera/SP, Rosana/SP e Taquaruçu, que geraram cerca de 30 mil empregos para região, muitos empregados foram demitidos. Diante disso muitos trabalhadores continuaram na região sem perspectiva de trabalho, fechamento dos estabelecimentos e crise econômica, estes se viram obrigados a voltar para o campo.

Surge nesse período o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra- MST, que começa a exercer forte pressão sobre o governo e nos fazendeiros, pelo fato das terras da região serem devolutas e pertencem ao Estado, logo, deveriam sofrer o processo da reforma agrária. (PAIÃO, 2001, p.40)

Em julho de 1990 o MST fez a sua primeira ocupação no Pontal, especificamente no município de Teodoro Sampaio/SP, iniciando assim o quadro de luta por terras no oeste paulista (FERNANDES ; RAMALHO, 2001).

Diante da instabilidade social, econômica e pelas ocupações e conflitos, sendo a região do Paranapanema a mais pobre do Estado de São Paulo, o governo em 1995 decide implantar o plano de ação governamental para o Pontal.

Segundo Pimentel (2005, p.125), até o ano de 2001, a região do Pontal possuía cerca de 88 assentamentos rurais, distribuídos em 16 municípios. Destes, Mirante do Paranapanema/SP era o que mais possuía assentamentos, cerca de 33% do total.

Até meados de 2001 o município de Rosana, que está localizado no extremo Oeste do Estado de São Paulo, fazendo divisa com os municípios de Euclides da Cunha Paulista, Teodoro e Sampaio e com os Estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, possuía três (3) assentamentos, que eram os assentamentos: Novo Pontal, Bonanza e Gleba XV de Novembro, com 717 famílias assentadas em uma área de 17240 hectares e, em 2005 foi instituído o assentamento de reforma agrária Porto Maria. (FERNANDES ; RAMALHO, 2001).

Segundo o Censo 2010, realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população do Município era de 19.691 habitantes, desses 80% estão na cidade, e atualmente com a implantação do Assentamento de Reforma Agrária no Porto Maria, em 2008, o município possui quatro (4) assentamentos, com mais de 800 famílias de agricultores.

Embasado nos fatos históricos condizentes ao uso e apropriação de terras no Pontal do Paranapanema, o presente trabalho tem como intuito explicar sobre os parte dos resultados obtidos na primeira fase pela Iniciação Científica “Patrimônios e Lazer Turístico: O Museu do Assentado no Município de Rosana/SP”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/ CNPQ, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosângela Custodio Cortez Thomaz.

Abordamos inicialmente os relatos orais sobre a vida nos assentamentos de reforma agrária do município de Rosana/SP, assim como a trajetória de vida e origem de três assentadas, as

senhoras: Maria de Lurdes, Camila Marsola e Neuzeme de Oliveira, assentadas pertencentes ao assentamento Nova Pontal.

Com intuito principal, este trabalho buscou trazer as memórias do período de acampamento e ocupação de terras os quais vivenciaram as assentadas entrevistadas e, por meio disso explicar sobre os traços culturais intrínsecos, materiais e imateriais, a serem preservados no futuro Museu do Assentado.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizou-se para a realização deste trabalho visitas *in loco* ao lote das assentadas para que fosse possível a coleta da história oral que abordou os aspectos origem e trajetória de vida no emulo coletivo e individual das entrevistadas, situa-se que as entrevistas foram realizadas durante o período de vigência do projeto 2015/2016. Os relatos orais das entrevistadas foram gravados em um aparelho celular e, posteriormente transcritos na íntegra para servir de base neste trabalho.

Reafirma-se que existem quatro assentamentos no município de Rosana/SP e que as três entrevistadas para este trabalho pertencem ao assentamento Nova Pontal, as senhoras: Camila Marsola, Maria de Lurdes e Neuzeme de Oliveira. A metodologia de entrevista se faz presente no campo da história oral a qual “não é apenas uma técnica para coletar informações, mas uma metodologia de pesquisa que produz uma fonte especial, um meio para a produção de novos conhecimentos” (LANG, p. 73, 2013).

Quanto à elaboração do roteiro de entrevista, a mesma se dividia em quatro principais partes. Sendo a 1º ‘Trajetória de vida e origem’, a qual buscou percorrer em uma linha cronológica os fatos que ocorreram na vida dos entrevistados até a obtenção do lote, assim como de qual modo os mesmos cozinham, dormiam, viviam e faziam suas atividades cotidianas, seja no período do acampamento, ocupações e/ou em outras fases de suas vidas; a 2º denominada ‘Crescimento’, que teve a pretensão de obter informações sobre as lendas, mitos, histórias, brinquedos e brincadeiras que os entrevistados faziam uso no passado.

A 3º por sua vez, intitulada ‘Trabalho’, buscou relatos sobre os modos de trabalho dos pais e dos entrevistados, com o intuito de relacionar esses relatos com os anteriores e criar um perfil social dos entrevistados, bem como as suas relações com o trabalho, lazer, educação, militância e demais áreas.

Já a 4º e última, intitula-se ‘História’, almejou realizar uma espécie de *feedback* a partir dos relatos orais dos entrevistados, em outras palavras, os entrevistados respondiam perguntas como “Ao longo de sua trajetória de vida teve algo que te marcou?”, pois assim, tornava-se possível identificar os pontos mais importantes após dezenas de minutos de entrevista.

A elaboração desse roteiro de entrevista teve como base o modelo de entrevistas e relatos expostos no livro “A voz do passado” (THOMPSON, 1992), mas que de acordo com o perfil das entrevistadas, objetivo da pesquisa e objeto de estudo, houve mudanças significativas na supressão e adição de perguntas e apontamentos, diante do ‘roteiro modelo’ apresentado pelo autor no livro.

No entanto para a realização deste trabalho houve um recorte das entrevistas, ou seja, focou-se nos relatos orais referentes às marcas em suas memórias referentes ao período de acampamento, ocupação e reforma agrária, assim como os saberes, fazeres e dizeres referentes a essa parte de suas trajetórias. Além disso, para a elaboração deste artigo científico, obtendo como intuito de aprofundar as discussões dos resultados e gerar assim a análise reflexiva dos relatos orais, utilizou-se livros, artigos científicos, sites, monografias, documentos e outros materiais que versam sobre o turismo no espaço rural, patrimônio material e imaterial, memória,

traços culturais e outros temas relacionados ao objeto de pesquisa.

### **3. O FUTURO MUSEU DO ASSENTADO: UMA PROPOSTA DE IMPLANTAÇÃO**

O intuito inicial da Iniciação Científica “Patrimônios e Lazeres Turístico: O Museu do Assentado no Município de Rosana/SP” parte da inventariação do possível acervo do Museu Assentado, ou seja, a pesquisa busca inventariar quais são os traços culturais, inerentes à trajetória de vida e origem dos assentados que futuramente podem compor o Museu.

Basicamente o pressuposto inicial é realizar um diagnóstico de quais são os elementos culturais destes assentamentos e em um segundo momento, partindo da catalogação das fotos, objetos, móveis, relatos orais, documentos e outros elementos, com o auxílio de entidades competentes no âmbito da museologia, findar a implantação do Museu.

Assim, como uma iniciativa pioneira, o projeto em todas as suas fases, bem como a inventariação, implantação e gestão do espaço museal, estrutura-se em quatro eixos principais: o resgate dos traços tradicionais, a preservação, a disseminação cultural e, por fim, utilizando-se da educação patrimonial, objetiva-se a desmistificação dos traços culturais. Tais eixos são estruturas triviais em todas as fases do projeto.

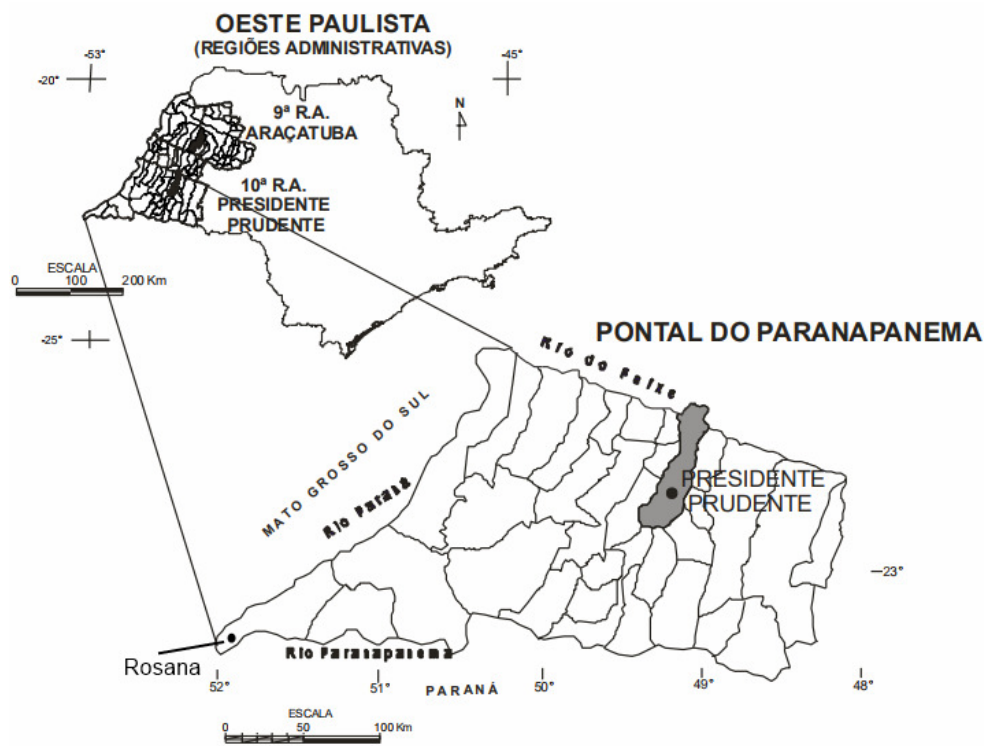
De cunho coletivo, o acervo do futuro Museu está sendo criado pelos próprios assentados que contam suas histórias, doam objetos, fotos e outros elementos que um dia fizeram-se presentes em sua trajetória de vida e origem. Assim, com a construção coletiva e futuramente uma gestão comunitária, objetiva-se a instauração de um espaço de reconhecimento, o qual os assentados possam ver a história e se identificar como atores protagonistas de algo maior.

Portanto, são essas inúmeras identidades individuais, que desde já, configuram a coletividade que será o futuro Museu do Assentado, um Museu que não será restrito somente a um espaço com objetos e fotos, mas sim será um espaço de evocação da memória, de educação patrimonial e especialmente, um espaço que marca a luta pela posse da terra no Pontal do Paranapanema, assim como dos demais movimentos sociais agrários deste país.

### **4. UM ENFOQUE INICIAL: ASSENTAMENTO NOVA PONTAL**

O assentamento de reforma agrária Nova Pontal situa-se no município de Rosana/SP (figura 1) e tem suas origens da Fazenda Nova Pontal antiga propriedade da Timboril Agropecuária Ltda., cujo seus sócios são o Sr. Ronaldo Carvalho da Cunha e a Sra. Vera Lucia Rocha da Cunha. A fazenda detinha uma área de 2.786,90 hectares de terras, margeadas pela rodovia de ligação entre Porto Primavera/SP ao Paraná, via Diamante do Norte/PR e, ao sul pelo rio Paranapanema (CRUZ, 2008).

Figura 1- O Pontal do Paranapanema



Fonte: BARONE, MELAZZO e SILVA, 2011 (adaptado).

Utilizando-se de meios legais a antiga proprietária das terras concedeu a posse da fazenda ao Estado, em setembro de 1998 e o ITESP, por sua vez, em novembro do mesmo ano promoveu uma assembleia com as 122 famílias apontadas para ocupar as terras (CARNEIRO, 2007).

Entende-se que dificuldades enfrentadas pelos então assentados após o período de reforma agrária não são diminutas aos relacionados durante ao período de acampamento e ocupação das fazendas. Carneiro (2007) explana em sua pesquisa que inicialmente, nos primeiros anos de constituição do assentamento Nova do Pontal, as famílias não possuíam infraestrutura local, bem como: água canalizada, estradas, energia elétrica, meios de transportes, instituições de ensino entre outros serviços. Além disto, os assentados não detinham recursos financeiros para investir na terra, ocasionando assim uma busca incessante das famílias as políticas públicas municipais, bem como discorre a autora:

[...] Com uma expressiva ajuda da Prefeitura no preparo de solo para plantio de feijão, perfuração de poços cacimbas, ajuda do Estado na construção de estradas, implantação de escola rural, distribuição de cestas básicas e leite para as crianças, as famílias assentadas vencem o primeiro ano de luta e de trabalho no assentamento, já com muitas esperanças de um futuro promissor e de realizações (CARNEIRO, 2007, p. 54).

Atualmente o assentamento possui escolas, posto de saúde, igrejas, centro comunitário, infraestrutura básica e outros bens e serviços que facilitam o desenvolvimento das praticas agrícolas e comerciais do espaço, além de oferecerem maior qualidade de vida à população autóctone.

Quando mencionamos a população autóctone cabe salientar que o assentamento Nova Pontal é constituído de quatro distintos grupos, o militantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra- MST e o Movimento dos Agricultores Sem Terra- MAST e, os ex-funcionários da fazenda, assim como o quarto grupo de sindicalistas de Porto Primavera/SP (CARNEIRO, 2007).

Neste êmulo, insere-se inicialmente a concepção da heterogeneidade social e cultural existente em ambos os assentamentos mencionados, assim como as distinções ideológicas existentes entre militantes do MST e do MAST em contrapartida as ideologias dos ex-funcionários das fazendas que sofreram a reforma agrária. Essas diferenciações iniciais, por si só, são elementos plausíveis de serem analisados do ponto de vista dos traços culturais existentes em cada um dos grupos, bem como as concepções políticas, hábitos, costumes e ações.

Outro ponto a ser elencado no eixo da heterogeneidade cultural versa sobre a trajetória de vida e origem dos assentados, pois, como mencionado, as famílias que compõe os assentamentos, em sua maioria, não são residentes de Rosana/SP, ou seja, são provenientes de outras regiões do país e do exterior. Assim, observa-se a pluralidade dos traços culturais existentes nos assentamentos.

Com o intuito de inventariar o acervo material e imaterial do futuro Museu do Assentado a iniciação científica “Patrimônios e Lazeres Turísticos: o museu do assentado no município de Rosana/SP” baseia-se na diversidade cultural dos assentamentos de Rosana/SP, bem como na trajetória de vida e origem dos assentados, como elementos a serem preservados, resgatados e disseminados a fim desmistificar conceitos existentes a cerca dos assentamentos de reforma agrária, ainda que, acredita-se, por parte dos moradores locais, que o município de Rosana/SP está inseto de traços culturais, conforme conclui Santos (2013, p. 178):

O incentivo a cultura é igualmente importante para o turismo conforme foi dito neste trabalho, porém ainda é carente. Não há incentivo do poder público, as pessoas quando questionada sobre a cultura ou a identidade local dizem que não há nada de cultura no município. Há um desconhecimento da comunidade sobre o que é cultura e sobre os costumes da localidade.

Destarte, cabe a universidade, enquanto ação extramuros, a missão de disseminar o conhecimento e, assim, transformar o meio a qual a cerca, sendo que esta transformação seja positiva para a comunidade acadêmica e autóctone.

## **5. OCUPAÇÃO, ACAMPAMENTO E REFORMA AGRÁRIA: MARCAS NA MEMÓRIA**

Detendo a pretensão de inventariar e obter conhecimento da trajetória de vida e origem das três assentadas da Nova Pontal foi questionando as entrevistadas, por meio da metodologia de história oral, se as mesmas tinham vivido uma ocupação e um acampamento e o que as mesmas se recordam daquele período.

Os acampamentos têm como o intuito mostrar a existência dos movimentos sociais e, sobretudo, exaltar a pressão do movimento frente ao governo Federal e Estadual em função da posse de terra indevida ou inutilizada pelos grandes proprietários de terra. Estes acampamentos podem ocorrer nas beiras das rodovias e/ou em fazendas, seguido da ocupação das mesmas, sendo que o processo de ocupar e acampar pode ocorrer inúmeras vezes durante a luta pela posse de terra. (MACHADO e GONÇALVES, 2007).

Machado (2007, p. 178) explana as manifestações do MST mencionando que “fazem parte delas, os acampamentos, as marchas, caminhadas, ocupações de terra e de edifícios públicos, palácio do governo, secretarias, institutos etc., ou seja, constituem suas invenções democráticas”.

Destarte, ao questionar as três assentadas do assentamento Nova Pontal verificou-se que para senhora Camila Marsola, atualmente com 42 anos, natural do município de Teodoro Sampaio/SP não houve a participação da mesma nos acampamentos, entretanto é mencionado

por ela que seu marido participou dos acampamentos. Segundo Camila “*eu casei com meu marido dai com dois anos ele veio aqui acampar e eu fiquei lá, ai ele ficou aqui uns 3 anos, acampado ai quando ele ganhou aqui eu vim, eu vim para cá [...]*”. A referência que a entrevistada faz a “*eu fiquei lá*” refere-se ao município de Terra Rica/PR, município anterior a sua vinda a Rosana/SP.

Camila conta que o marido ficou acampado na beira da estrada, nas proximidades da então fazenda Nova Pontal, assim como acamparam dentro da fazenda, na cidade e, durante este período de três anos alternaram de local varias vezes. Carter (2006, p.139), sobre os locais que os assentados firmam seus acampamentos, discorre que:

[...] a organização de acampamentos de sem-terra, geralmente nas margens de rodovias públicas, em áreas autorizadas pelo Estado, ou em propriedades privadas que pertencem a simpatizantes do MST tais como a Igreja ou algum fazendeiro caridoso. Esses acampamentos de sem terra, com a suas tendas provisórias de plástico, seu estilo de vida bem organizado e disciplinado, e bandeiras vermelhas do MST tremulando no alto, são talvez as mais visíveis, bem conhecidas e engenhosas ações de contestação do MST.

Já para a senhora Neuzeme Oliveira, natural do município de Conselheiro Pena/MG, quando questionada se ficou acampada ou se seu marido passou por este processo, afirma que não ficaram acampados, no entanto, a mesma menciona que os mesmos não ficaram acampados pelo fato do marido ter emprego no momento dos acampamentos, segundo ela:

*É em 97 nos fizemos o cadastro, ai em 98 já saiu com o meu cadastro com oito meses foi liberado, ai a terra aqui já liberou, que tinha gente mais de três anos embaixo da lona. Eu fiquei só oito meses, mas assim falar para você, que eu morei é mentira, não morei em primavera, e passava volta e meia passava ali.*

A entrevistada relata que vinha aos fins de semana para apoiar o movimento e, que existiram pessoas que moravam nos barracos de lona, bem como crianças, adultos e idosos, conforme visto no discurso de Camila Marsola ao descrever que seu marido ficou cerca de três anos morando no acampamento.

Detendo um eixo diferencial, a terceira entrevistada do assentamento Nova do Pontal não era uma militante do MST nem do MAST, mas sim era ex-funcionária da fazenda. A senhora Maria de Lurdes, possui 53 anos e é natural do município de Diamante do Norte/PR, relata que sua história é “*um pouco diferente. A gente nunca ficou acampado, mas já passou por estresse, porque quem ta acampado passa por situações e, a gente que mora na fazenda e, ve ela sendo invadida também passa por situações difíceis também, né*”.

Pelo fato de Maria de Lurdes relatar que passou por situações consideradas difíceis, foi perguntado a ela se há alguma recordação sobre as ocupações que a fazenda Nova Pontal foi palco e sobre as pessoas que ocupavam a fazenda, bem como quais sentimentos ela detinha naquele momento, segundo ela:

*Ah muito medo né, a gente tinha medo, eles ameaçavam a gente, porque morava na fazenda, então a gente tinha muito medo. E até muito tempo, a gente não era bem visto pelo pessoal do MST né, porque o maior movimento é o MST, então não era bem visto por eles. Por vontade deles a turma da fazenda também não teria pegado terra, mas como quem manda é o estado, nos tivemos esse direito assegurado.*

Diante disto é possível verificar um conflito entre os pertencentes ao movimento e os funcionários da fazenda. Além disto, observa-se outra visão sobre a reforma agrária, pois os



militantes tinham o intuito de ocupar a área, o funcionário por sua vez sentia-se intimidado como o avanço das manifestações e, por sua vez, o patrão com o intuito de proteger sua propriedade dava ordem aos funcionários para distratar os militantes vistos como “invasores”. As ordens dadas pelos patrões a despeito do descaso em função a ocupação de suas terras, pode ser observada quando Maria de Lurdes menciona que “*a ordem era de não dar água, não deixar eles fica entrando, mas era difícil né, porque a gente tando ali a pessoa chega lá e pedi uma água, às vezes, não tinha jeito de negar né, meio escondido, mas a gente arrumava*”.

Desse modo, torna-se possível compreender que parte do conflito existente entre as diferentes ideologias de funcionários versus militantes fora fomentadas pelos patrões que criaram certas regras de tratamento aos seus funcionários, ou seja, tentaram induzir as ações de seus colaboradores.

Sobre a finalidade dos acampamentos, Carter (2006, p. 139) discorre que os acampamentos “não apenas tornam a demanda por reforma agrária perceptível, eles também facilitam as atividades de conscientização entre os sem-terra, possibilitam a preparação de outras mobilizações de protesto, e são úteis ao movimento no recrutamento e treinamento de seus novos quadros”.

Entende-se assim, que a trajetória de vida e origem dos assentados não resume-se somente ao período e militância, ou seja, não delimita-se somente aos momentos de ocupação e acampamento, mas sim extrapola seus limites, tendo início na cidade natal dos assentados, nas mudanças de cidades, estados e fazendas durante toda a sua vida, na chegada ao Oeste Paulista com o intuito da posse de terra e, em especial, não termina ao ganhar a tão desejada posse de terra, pois após a contemplação da terra um novo período inicia-se e com ele novas dificuldades.

Desta forma, Neuzeme relata que após conseguir a posse de terra teve que habitar por volta de um ano e meio um barraco de lona situado no seu lote, pois a mesma não possuía condições de construir uma casa e as linhas de financiamento tardaram a sair. Maria de Lurdes, também pertencente ao assentamento Nova Pontal, menciona que quando conseguiu o lote não possuía condições para construir a casa e trabalhar a terra, segundo ela:

*[...] nós entramos lá na casinha, era quase pau-a-pique, tinha as paredes de madeira, não tinha mata junta, a telha não tava terminada, a cobertura direito, não tinha porta nem janela, só os vão, aí botava os foião pra tampa de noite e beleza, porque a gente tinha que trabalhar né, porque tinha terra e tinha que mudar, então não deu tempo de fazer casa assim não. Ta com pouco tempo que nós fizemos a casa.*

A antiga casa da senhora Maria de Lurdes possuía estrutura simples, mas que também não desvia tanto das outras realidades enfrentadas pelas assentadas do Porto Maria, sendo este o assentamento mais novo do município.

O objetivo de realizar está presente explanação sobre a trajetória de vida e origem das assentadas faz referencia as constituições culturais provindas de diversos lugares por onde passaram as assentadas, ou seja, a heterogenia cultural dos assentamentos de Rosana/SP deve-se aos diferentes povos que habitam um único espaço, que tiveram suas constituições de identidade cultural, embasadas nos diferentes lugares que habitaram, nos grupos que participaram e participam e em muitos outros fatores, mas, sobretudo, o que configura os traços culturais destes assentados como elementos fidedignos de preservação, vai além de sua história, são os seus saberes e fazeres, os quais estão atribuídos ao seu cotidiano, vivenciado, em uma fazenda, em um assentamento, no interior de um barraco de lona ou quaisquer outros lugares.

## 6. SABERES E FAZERES COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

A vida no meio rural, mas em especial a vida nos acampamentos e nas ocupações, traz consigo saberes e fazeres intrínsecos a um determinado grupo que por meio de seu cotidiano transforma pequenos hábitos em autênticos traços culturais dignos de serem preservados e disseminados.

Desse modo, ao questionar as três assentadas do assentamento Nova do Pontal sobre os hábitos existentes no período que conseguiu o lote, verificou-se que para senhora Camila Marsola, que para tomar banho, segundo ela, “*então, a gente tinha que tomar banho no balde, na bacia, fazer poço, a maioria às vezes não tinha poço também*”. Já sobre os hábitos culinários e como dormiam, Camila afirma que eram comuns, parecidos com os da atualidade, pois ela possuía fogão a gás e cama com colchão.

Já para Neuzeme Oliveira que não ficou acampada no período anterior a conquista da terra, mas ficou acampada em seu lote, por não possuir condições financeiras de construir uma casa. Segundo ela:

*Nossa, meu Deus, não tinha água, não tinha casa, a gente ficou embaixo de uma lona até conseguir vender uma casa que a gente tinha antes, para poder começar a construir aqui, não saiu o financiamento, demorou dois anos, para sair, o primeiro financiamento nosso, foi muito sofrido. Porque a gente não tinha condições de preparar a terra, porque tudo era caro, hora de máquina esses negócios.*

Quando questionada sobre seus hábitos cotidianos, em especial de que modo à mesma dormia em seu barraco de lona, se ela possuía cama de molas ou com colchão de espuma a mesma informa que sua cama era “*de tabua, era uma tarimba que eles falam, não é bem uma cama não, é uma tarimba, colocava quatro pés assim, colocava uma taboa em cima, e colocava colchão e a cama. Energia era lamparina, vela, qualquer coisa*”.

Neuzeme, assim como Camila, conta que já detinha fogão a gás, sendo assim não gastava inúmeras horas preparando as refeições no fogão a lenha. No entanto, quando questionada como era a vida em um barraco de lona, em especial nos momentos de tempestade, a entrevistada discorre que:

*Ai entrava água dentro, aí era uma desgrameira, nos fomos em uma ocupação em Prudente<sup>1</sup>, numa manifestação que teve, chegamos, meia noite, chuva, um frio, que nos entramos às roupas, as cobertas, tavam tudo molhado, e daí? Acendi uma fogueira, ficamos ali, até amanhecer, acabar de amanhecer o dia para gente providenciar coberta esses negócios.*

Neuzeme também conta que quando chovia a lona se rompia e então cabia a ela remendar a mesma com papelão ou com outra lona. A entrevistada também menciona que os dias quentes eram difíceis de viver no barraco, segundo ela “[...] *não podia abrir a porta porque eu morro de medo de cobra até hoje, não é nem, e tinha que aguentar, porque não tinha energia, para por um ventilador, não tinha nada, não tinha geladeira, tinha que beber água quente*”.

Sobre este estilo de vida nas barracas de lona, Sigaud (2000, p. 82) ao mencionar sua experiência de pesquisa participante em Pernambuco, discorre que:

[...] eram constituídos de barracas feitas com pedaços de madeira e cobertas com um plástico denominado lona, na maioria das vezes de cor preta e em alguns casos amarela. Em todos os acampamentos era hasteada uma bandeira vermelha com o logotipo do

<sup>1</sup> Presidente Prudente, município situado a Oeste do estado de São Paulo.

movimento que o organizara, MST ou Fetape. As barracas cobertas de lona e a bandeira eram elementos distintivos e absolutamente recorrentes de todos os acampamentos.

Maria de Lurdes, por sua vez enfocou de maneira significativa aos seus hábitos da infância, ao ser questionada sobre como era sua casa, a entrevista menciona que “*você já ouviu falar de casa de pau a pique? Coberto de tabuinha, coberto de palha de coqueiro, era o tipo de casa que a gente morava né [...] E de pau a pique fica as vara, pega barro e fazia as parede né, é pau a pique aquilo lá.*”.

Sobre o modo de cozinhar deste período, Lurdes comenta que todas as refeições eram preparadas no fogão a lenha, e ao ser questionada se existia algum prato que sua mãe fazia que mais lhe agradasse, a entrevistada discorre que:

*A aquela época essas coisas eram difíceis, não tinha essas fartura que tinha hoje não, né. Tinha não, lá comia, carne que comia era de bicho do mato, porque morava no mato né, era que tinha era isso, a situação não era nada fácil, hoje é uma maravilha né, tem riqueza e fartura, naquela época não era assim, tinha, nascia criança, graças a Deus se a mãe tivesse leite, porque se não tivesse era uma latinha de leite em pó pro mês inteiro, é, a situação não era fácil, aí os irmãozinhos mais fácil ficavam olhando assim, vinha com aquela vontade de tomar um copinho do leitinho, mas não tinha jeito, pela situação que a gente vivia. Isso é o pouco que a gente guarda na memória que a gente lembra até hoje.*

Por meio deste trecho é possível observar as dificuldades enfrentadas pela entrevista a despeito de sua infância, essas dificuldades, entendidas também como fatos auxiliares na constituição da identidade cultural dos indivíduos, podem ser observados nos modos de tomar banho deste período, segundo a entrevistada, para tomar banho “*só puxando água ni poço ou nos córregos que tinha perto, para tomar banho.*”.

Outro fato que auxilia na compreensão desta ideia, insere-se no modo em que a entrevistada relata sobre o modo que acostava, segundo a mesma:

*[...] tinha cama, porque madeira tinha bastante, pegava as madeira e fazia uma cama fixa, ficava os pau, fazia o estrado aí ou era capim ou era palha os colchão, ia nos mato na beira dos córregos tinha um tipo de capim macio, ou era aqueles capins ou era palha de milho nos colchões, ou rede, pegava o saco, e emendava e fazia rede, não é essas redes chiques que tem hoje não.*

Tomando como base os relatos coletados das três assentadas entrevistadas pertencentes ao assentamento Nova do Pontal torna-se possível visualizar que os saberes, de como construir uma cama de tábuas, modos de preparo dos alimentos, construção de habitações e muitos outros elementos foram e são primordiais para a constituição dos traços culturais das mesmas, fato este que quando comparados ao estilo de vida da sociedade contemporânea tornam-se disparees.

Sobre as relações sociais, econômicas e outras existentes nos acampamentos, bem como as características de formação cultural existentes nos acampamento, Machado (p. 179) discorre que:

Os acampamentos exercem um papel político-pedagógico importante sobre estes homens, mulheres e crianças que arriscam a própria vida para ter acesso à terra: em geral, as relações sociais dos acampados sofrem algumas alterações em seus comportamentos tradicionais – homens cozinham e cuidam das crianças enquanto as mulheres fazem a segurança; todos se inserem em algum setor (segurança, educação, saúde, higiene, alimentação, almoxarifado etc.) e, portanto, assumem alguma tarefa no acampamento; todos fazem curso de formação política; e crianças e adultos são alfabetizados, normalmente pelo “método Paulo Freire”. Uma das principais lições dos

acampamentos é a prática da solidariedade de classe e a distribuição coletiva do que recebem como doação. As principais refeições também são compartilhadas por todos.

Quando o autor menciona que os militantes arriscam suas vidas para ter acesso a terra é possível compreender esta afirmação por inúmeras óticas, mas em especial pelo risco a saúde que os militantes estão expostos.

Todo este contexto dos fazeres e saberes, situações cotidianas, os modos de vida e a trajetória de vida e origem dos assentados foram e são os elementos que os tornam dispareos no contexto global, pois a sociedade globalizada, extrapolação das fronteiras culturais, acesso ao conhecimento e muitos outros fatores vem inserindo na sociedade a cada dia uma cultura global, na qual as singularidades se esvaziam e os hábitos e traços culturais tornam-se padrões, seja no Brasil ou na Austrália. Caldart (2001, grifo nosso) sobre a dinâmica cultural dos acampamentos e assentamentos disserta que:

Quando, nos assentamentos, os Sem Terra buscam construir novas relações sociais de trabalho, e novos formatos para a vida em comunidades do campo, afirmam uma cultura centrada no bem-estar da coletividade, e se contrapõem, portanto, à absolutização do indivíduo, que é característica dominante da sociedade capitalista. Quem visita um assentamento, ou mesmo um acampamento de Sem Terra, sai com a impressão, e talvez a reflexão, de que há outras possibilidades de como viver, e que há questões, saberes, afetos e relações de outra ordem, acontecendo não muito longe de um tipo de vida que consideravam como o **único possível**.

O estilo de vida “único possível” mencionado pelo autor insere-se no contexto de que muitas vezes constrói-se uma posição etnocêntrica frente às diferenças raciais, culturais, sociais e outras existentes no meio o qual habitamos que como um esquecimento do mundo que nos rodeia pautamos a nossa cultura como sendo única e a mais aceita, ocasionando assim na hostilidade ao inexplorado e pouco falado.

Portanto, torna-se possível visualizar que a insistência em inventariar o patrimônio material e imaterial dos assentamentos de reforma agrária do município de Rosana/SP parte do princípio que os mesmos encontram-se a margem do cunho cultural quando nos referimos à imagem que as outras pessoas têm aos assentados. Dado que a imagem dos assentamentos rurais, bem como o movimento MST foi amplamente construída e estigmatizada pela mídia de massa que por muitas vezes mostrou esses militantes como sendo os “invasores”, entende-se a o estudo de seus saberes e fazeres são primordiais para desmistificar os conceitos que rodeiam os assentamentos e, o museu, enquanto espaço museal, possui extrema importância no emulo da educação patrimonial com o intuito de preservar e disseminar os traços culturais.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer o inexplorado é algo que instiga a mente humana, a curiosidade é algo trivial ao que se refere na motivação turística e, trabalhar esta curiosidade para que o local torne-se atrativo é algo extremamente fatigante, mas que pode vir a produzir bons resultados.

O presente trabalho elencou os traços culturais presentes no saberes e fazeres dos assentados da Nova do Pontal, distribuídos no percurso de sua trajetória de vida e origem. Sendo que estes traços mostram-se elementos que os destacam dos demais e, assim, os tornam seres culturais.

Além de trazer recursos financeiros ao meio rural, seja por meio da visitação ou da roteirização turística, o Museu em um assentamento de reforma agrária traz consigo os pilares do resgate histórico (preservação patrimonial e também a disseminação, por meio da educação patrimonial, dos aspectos das comunidades abordadas, versando não somente sobre a luta da conquista da terra, mas também sobre a vida no meio rural, fato estes que encontra-se ameaçados

pelos fortes correntes atuais de êxodo rural.

Por meio do conhecimento é que nos tornamos seres com relativismo cultural, suprimimos as barreiras etnocêntricas construídas em nosso intelecto e, nos colocamos acessíveis a novas informações. Assim como a cultura é dinâmica, os conceitos e estigmas existentes nos indivíduos também podem ser alterados durante a sua formação e, a visita a um futuro museu do Assentado tem como um dos vieses principais a desmistificação dos conceitos criados a despeito das lutas de terra no Brasil, em especial no Pontal do Paranapanema.

Por conseguinte, elencamos a inventariação do patrimônio material e imaterial dos assentamentos de reforma agrária do município de Rosana/SP como o primeiro passo pioneiro para a transformação do meio a qual habitamos. A importância dos espaços museais não limita-se somente nas estruturas físicas do museu, mas extrapolam suas paredes, servem de mecanismos eficientes para a construção de uma sociedade equânime e perceptiva aos inúmeros fazeres e saberes dos povos que habitam esta nação.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as entrevistadas que com grande pro-atividade cederam suas entrevistas. O apoio logístico da Universidade Estadual Paulista/UNESP, Campus de Rosana/SP. Também agradecemos a Fundação do Instituto de Terras do Estado de São Paulo/ITESP, que nos forneceu informações necessárias para realizar essa pesquisa.

Por fim, agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/CNPq, por financiar esta pesquisa e fazer possível a realização deste e os demais estudos da presente Iniciação Científica.

## REFERENCIAS

BARONE, L. A.; MELAZZO, E. S.; SILVA, A. A. **Célula do Pontal do Paranapanema-SP: Acompanhamento e informação para o desenvolvimento rural.** Presidente Prudente: UNESP, FATEC, 2011.

CARNEIRO, L. P. M. **Proposta de implantação de dois roteiros turísticos no assentamento Nova Pontal, em Rosana, SP:** análise das limitações e possíveis soluções. 2007. Monografia (apresentada ao final do curso de graduação em Turismo) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Experimental de Rosana, Rosana/SP. Disponível em: <<http://ad.rosana.unesp.br/docview/directories/Arquivos/DTA/Biblioteca/Rural%20e%20Gastronomico/ROTEIROS%20TUR%C3%8DSTICOS%20-%20NOVA%20PONTAL%20-%20LucianaPereiradeMouraCarneiro.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

CARTER, M. O movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST) e a democracia no Brasil. **Revista Agrária**, São Paulo, n. 4, 2006.

CRUZ, P. M. **Restauração e agroecologia:** é possível? Estudo de viabilidade no assentamento Nova do Pontal com base na permacultura. 2008. Monografia (apresentada ao final do curso de graduação em Turismo)– Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Experimental de Rosana, Rosana/SP. Disponível em: <<http://ad.rosana.unesp.br/docview/directories/Arquivos/DTA/Biblioteca/2008%20-%202007/PatriciaMarceladaCruz.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 4, set./dez. 2001.

FERNANDES, B. M; RAMALHO, C. B. Luta pela posse de terra e desenvolvimento rural no Pontal do Paranapanema. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, set-dez, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 nov. 2014.

LANG, A. B. da S. G. Trilhas de pesquisa, convicções e diversidades. In: SANTHIAGO, R; MAGALHÃES, V. B. de. (Org.). **Depois da utopia: A história oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz, 2013, p. 71-80.

LEITE, J. F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Fundação UNESP; Hacitec, 1998.

MACHADO, E. A (des)constituição de classe no MST: dilemas da luta anti-sistêmica. **Revista Lutas Sociais**, São Paulo, n. 17/18. 2007.

MACHADO, E; GONÇALVES, R. Da possível constituição de classe nos acampamentos ao refluxo político-ideológico nos assentamentos do MST. **Revista Lutas & Resistências**, Londrina, n.2, p. 10-19, 1º sem. 2007.

PAIÃO, J. D. **Terras devolutas no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente/SP: Faculdades Integradas, 2001.

PIMENTEL, A. E. E. **Assentamento de reforma agrária na região do Pontal do Paranapanema e seus impactos econômicos e sociais**. São Carlos: UfsCar, 2005.

SIGAUD, L. A forma acampamento: notas a partir da versão pernambucana. **Revista Novos Estudos**, v. 1. n. 58. p. 73-92. 2000.

SOBREIRO, J. F. **O movimento em pedaços e os pedaços em movimento: da ocupação do Pontal do Paranapanema á dissensão nos movimentos socioterritoriais camponeses**. Presidente Prudente/SP: 2013

SANTOS, C. N. **O patrimônio cultural e as identidades territoriais como possibilidades de desenvolvimento da atividade turística no município de Rosana/SP**. 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96757>>. Acesso em: 05 abr. de 2016.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Tradução Lóilio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMAZ, R. C. C. **Turismo, políticas e dinâmicas no meio rural: uma contribuição ao desenvolvimento local/Rosana/SP**. UNESP. Rosana/SP: Projeto de Pesquisa, 2013.